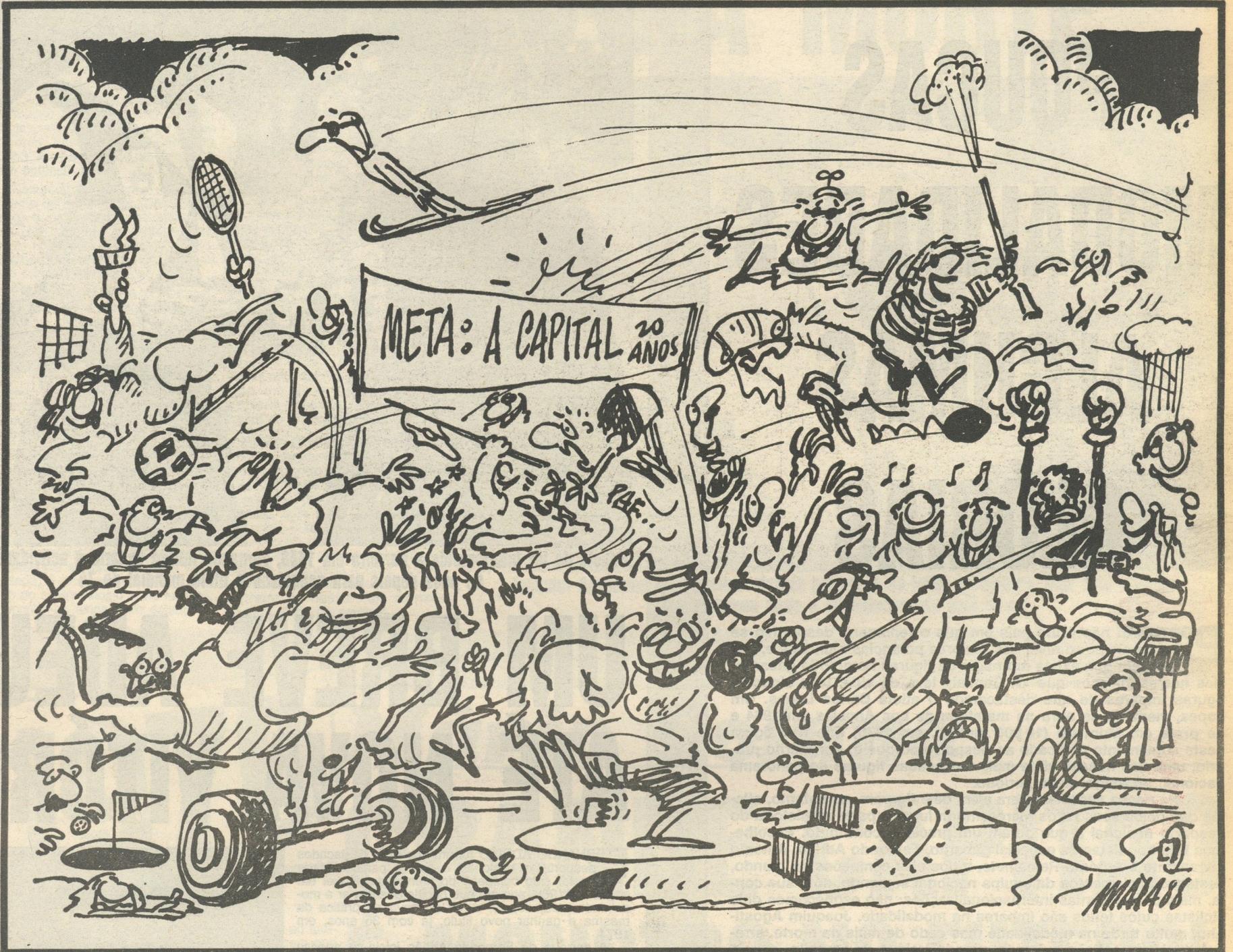


# DESPORTO SOBRE O POBRE



# ALGUNS FEITOS POUCAS GLÓRIAS

20.º ANIVERSÁRIO - N.º 4

# A CAPITAL

Director: RODOLFO IRIARTE

**Suplemento**  
**do jornal**  
**«A Capital»**

NÃO PODE SER VENDIDO  
SEPARADAMENTE DA EDIÇÃO  
DE 24 DE FEVEREIRO DE 1988

# A CAPITAL

## Vinte anos

# POUCAS MODALIDADES ALGUMAS GLÓRIAS

**P**ORTUGAL não é um país em que o fenómeno desportivo se possa situar ao nível das maiores potências mundiais e, por isso, em que exista um naipe de figuras de grande gabarito. Mas nestes 20 anos que «A Capital» leva de vida, teve algumas figuras ímpares de que destacamos o atleta Carlos Lopes. Um Lopes, medalha de ouro na maratona de Los Angeles em 1984 e de prata em Montreal (10 000 metros, em 1976) que não figura neste suplemento dedicado ao desporto porque é, por mérito próprio, uma das nossas vinte mais destacadas figuras do panorama nacional, ao longo deste período.

Na nossa escolha e para além dele figuram, no entanto, atletas que pelos seus feitos merecem um lugar à parte na história do desporto nacional a que deram um precioso contributo. Escolhemos três hoquistas de especial gabarito, Fernando Adrião, António Livramento e António Ramalhete, todos eles campeões do mundo, destacados elementos da equipa nacional somando, só à sua conta, mais de seiscentas internacionalizações: não esquecemos dois ciclistas cujos feitos são ímpares na modalidade, Joaquim Agostinho, muito tarde na modalidade mas cedo de mais na morte, arrebatado à competição e à vida quando trajava de amarelo, depois de ser o nosso embaixador em estradas de todo o mundo, e o herói luso na Volta a França, e Marco Chagas, ainda em actividade, o rei e senhor no asfalto português, com o recorde de por quatro vezes ter já conquistado a vitória na Volta a Portugal.

Não esquecemos, naturalmente, o atletismo e duas figuras ímpares ficam para além de Carlos Lopes, Fernando Mamede, o recordista mundial dos 10 000 metros, homem dos resultados e actuações imprevisíveis, mas um campeão com nível mundial, quer se goste dele quer não, e Rosa Mota, a «Rosinha» que todos os portugueses amam, mulher de palmo e meio e raça invulgar, que deu ao nosso País o título europeu de campeão feminino na maratona, por duas vezes (1982 e 1986), que o conseguiu também no Mundial (1987) e que teve uma medalha (bronze) nas Olimpíadas de Los Angeles, igualmente naquela especialidade.

Mas, como era natural, o maior quinhão de figuras pertence ao futebol. De um Mário Coluna a um Futre, passando por Artur Jorge, Eusébio, Humberto, Chalana, Gomes, Alves, Jordão, Oliveira, Nené, Carlos Manuel e acaba-se na grande revelação Paulo Futre. Tivemos um bola de Ouro (Eusébio), dois botas de Ouro (Eusébio ainda e Gomes, ambos a bisar) e um Nené, que tal como nos jogos, chegou a mais internacional dos portugueses sem fazer grandes ondas.

E não esquecemos o mestre dos mestres, o técnico mais importante para o futebol português, aquele que depois do brasileiro Otto Glória esteve na origem de uma maior alteração de mentalidades e também de um crescimento invulgar do espírito de competição: José Maria Pedroto.

Com eles em especial plano de evidência, mas com todos os desportistas em geral, se fizeram as glórias e algumas misérias do desporto português, nos últimos 20 anos.

**Coordenação de  
CARLOS MORGADO**

# 1968

## Fernando Adrião



Depois de ter interrompido a carreira em 1968, Fernando Adrião voltaria à actividade um par de anos depois para conquistar o título mundial de 74

# UM BREVE ADEUS ATÉ NOVA VITÓRIA

**F**ERNANDO ADRIÃO foi um dos mais destacados desportistas nacionais e com a particularidade de ter sido campeão do mundo de hóquei em patins em 1968, ano em que decide abandonar a modalidade para, depois, surgir de novo na prática da mesma e ganhar novo título, já com 35 anos, em 1974.

A carreira de Fernando Adrião inicia-se apenas com dois anos de idade e dos praticantes das mais diversas modalidades a que fazemos hoje aqui referência é sem dúvida o mais novo a ter logo competição e técnico como orientador. Coube ao pai, Fernando Pinto Adrião, industrial e jovem praticante na arte de patinar e depois, na de jogar, pois também ele foi internacional.

Radicado em Moçambique com a família, Fernando Amarel Adrião, natural de Lisboa (9-3-1939), iniciou a sua carreira ao serviço do Desportivo de Lourenço Marques. Aos 13 anos representa a equipa de seniores do clube, numa altura em que a selecção portuguesa campeã mundial visita Moçambique.

Sagra-se campeão distrital em 65 e 67 e o seu valor deixa impressionada a crítica, sobretudo tendo em atenção a sua juventude.

Em 1955 é convocado para a selecção nacional de juniores, tendo disputado o campeonato da Europa, em Barcelona.

É no lugar de médio que exerce melhor as suas funções e mais se evidenciam as suas qualidades de hoquista. Com Moreira, Velasco e Bouçós faz parte de uma selecção que vai dar cartas na competição a nível internacional. Em 1958, no Porto e já depois de passar a representar o Desportivo de Malhangalene, sagra-se pela primeira vez campeão do mundo, mas ainda desconhecia a honra de conquistar o título por mais quatro vezes. Assim, é campeão em 1960, na Espanha, em 62, no Chile, em 68 de novo em Portugal e, finalmente, em 74, ainda em Portugal.

De assinalar que em 1968 decide-se pelo abandono da prática da modalidade, mas mantendo-se embora ligado como técnico à preparação das equipas jovens de Malhangalene.

Um afastamento que afinal não é tão duradouro quanto se poderia pensar, pois, mordido pelo bichinho do hóquei, Fernando Adrião regressa às lides a tempo de assumir o seu lugar na equipa das quinças que em 1974 conquista o campeonato do mundo de hóquei.

No palmarés figuram ainda os títulos de quatro taças latinas e cinco vitórias no Torneio de Montreux que funcionava um pouco como Taça da Europa de Nações, e ainda campeão Europeu em 59, 61, e 65, portanto quatro vezes consecutivas.



Muito jovem Fernando Adrião se revelou como um dos melhores praticantes de sempre do hóquei patinado

1969

# Joaquim Agostinho

## TARDE NO CICLISMO CEDO NA MORTE

**J**EAN DE GRIBALDY, o técnico belga, apercebeu-se cedo, que naquele ciclista que dera um banho de meia hora aos mais directos opositores na Volta a São Paulo estava um filão rico que era precioso e urgia trabalhar. Joaquim Agostinho, o ciclista do Sporting descoberto, numa prova de prospecção do clube de Alvalade, por João Roque e levado para a formação leonina, natural de Brejenjas, ali para os lados de Torres Vedras, nascido a 7 de Abril de 1943, era na verdade um campeão em potência.

Começou tarde, para ele, o ciclismo de competição. Tinha já 24 anos e, para muitos, mal sabia andar na bicicleta de competição, mais habituado às velhas pasteleiras que exigiam muita força, a qual ele não enjeitava aplicar.

Em 1968, na Volta a Portugal, consegue ser a principal figura dos «leões», mesmo tendo em conta que tinha sido descoberto apenas nessa altura. De tal forma que chega a estar a um passo da vitória, que lhe acabaria por ser negada devido a um erro tático da equipa leonina, que aposta em Leonel Miranda, para ver escapar o triunfo para o benfiquista Américo Silva.

Mas em 1969, pela mão de Gribaldy, estreia-se no Tour e o jornal francês «L'Équipe» escreve sobre a sua presença: «Agostinho é um estreado de génio. Nunca um corredor demonstrou a tal porto um instinto pela bicicleta e invulgares qualidades, coragem, força e resistência ao sacrifício. Tem velocidade, é um grande rolador, óptimo no contra-relógio e, no entanto, encontra-se ainda num estado de

aprendizagem, no que respeita às mudanças de velocidade dos carretos de uma bicicleta.»

E havia razões para tal elogio, pois nessa estreia Agostinho venceria duas etapas, Nancy Moulhouse e La Grande Monte Revel.

Depois foram 13 participações no Tour, a prova que lhe deu mais fama e proveito. Por ordem, temos depois do 8.º lugar no ano de estreia, 14.º em 70, 5.º em 71, 8.º em 72, 6.º em 74, 15.º em 75, ausente em 76, 13.º em 77, 3.º em 78 e 79, 5.º em 80, desistente em 81, ausente em 82 e 11.º no ano que aconteceu a sua morte.

A nível nacional Agostinho ganharia a Volta a Portugal por cinco vezes mas apenas três valeram, já que em duas estranhamente acusaria «doping». 1970, 71 e 72 foram os anos desses êxitos.

Depois aconteceu a tragédia. Foi ao fim da manhã do dia 30 de Abril, quando pedalava para a meta instalada em Quarteira, numa das etapas da Volta ao Algarve. A queda, após o atropelamento de um cão, o traumatismo craniano que não foi prontamente socorrido e o coma profundo, durante 11 dias de prolongada agonia. O campeão que decidira acabar a sua carreira no nosso País morrerá vestido ainda de amarelo.



Joaquim Agostinho foi o melhor ciclista português de todos os tempos, com uma carreira que começou tarde e foi interrompida pela morte

1970

# Mário Coluna

## GRANDE CAPITÃO É MONSTRO NO FUTEBOL

**E**M 1970 Mário Esteves Coluna dizia adeus ao futebol do Benfica, numa festa de homenagem que reuniu a nata do futebol da Europa e do mundo de então. O grande capitão, o «monstro» como lhe chamavam, retirava-se dos «encarnados» da Luz, que representava desde os 19 anos para ingressar no Olympique de Marselha, ao serviço do qual ainda jogaria uma temporada.

Fê-lo com alguma mágoa, é verdade. «É natural que o José Augusto me coloque entre os dispensados talvez por ter um certo receio, já que fomos colegas e ele sabe que eu tenho tantos ou mais conhecimentos do que ele» diria na altura.

Mas a verdade é que a carreira tinha chegado ao fim.

Natural de Lourenço Marques, onde nasceu a 6 de Agosto de 1935, Mário Esteves Coluna ingressou no Benfica com a idade de 19 anos proveniente do Desportivo de Lourenço Marques.

No seu currículo pessoal contam-se inúmeros êxitos, dos quais os mais significativos são duas vitórias na Taça dos Clubes Campeões Europeus, em 1961 e 1962 e ainda mais 3 presenças nas finais daquela prova, em 1963, 65 e 68.

Para além dessa situação verdadeiramente invejável, envergaria por 57 vezes a camisola da selecção nacional e teria o momento mais significativo da sua carreira no Mundial de 1966, quando comandou a equipa dos Magriços que chegaria ao terceiro lugar da competição.

A sua estreia pela selecção aconteceu em jogo disputado em 16 de Janeiro de 1957, contando

portanto 21 anos, frente à Irlanda do Norte, registando-se um resultado de uma igualdade a um gol no Estádio do Jamor.

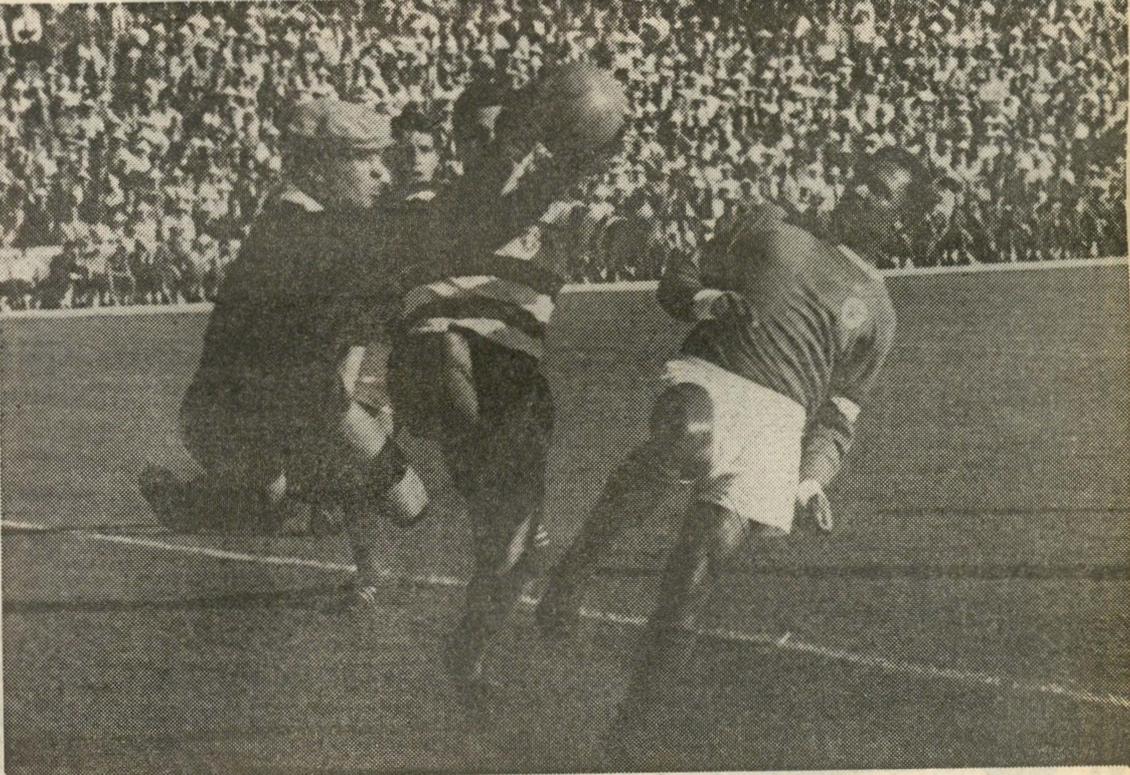
Figura como o nosso quinto jogador mais internacional, depois de Nenê, Eusébio, Humberto e Bento.

Foi ainda dez vezes campeão nacional, conquistou seis taças de Portugal, três de Honra, uma Taça de Ouro da Imprensa.

Dele dizia Bela Guttmann que «o Benfica jamais teria sido campeão europeu se não contasse com Coluna».

Na festa de despedida, conforme referimos, reuniu uma autêntica nata de futebolistas, repare nos nomes: Iribar, Suarez, Gallego, Bobby Moore, Gemmel, Pirri, Uwe Seeler, Cruyff, Hurst, Osgood, Djadic, Henderson, Hunt, Garate, Rodilla e ainda, sobre a hora, o jovem guarda do Barreirense, Manuel Bento, que mais tarde confirmaria as excelentes qualidades patenteadas nesse encontro.

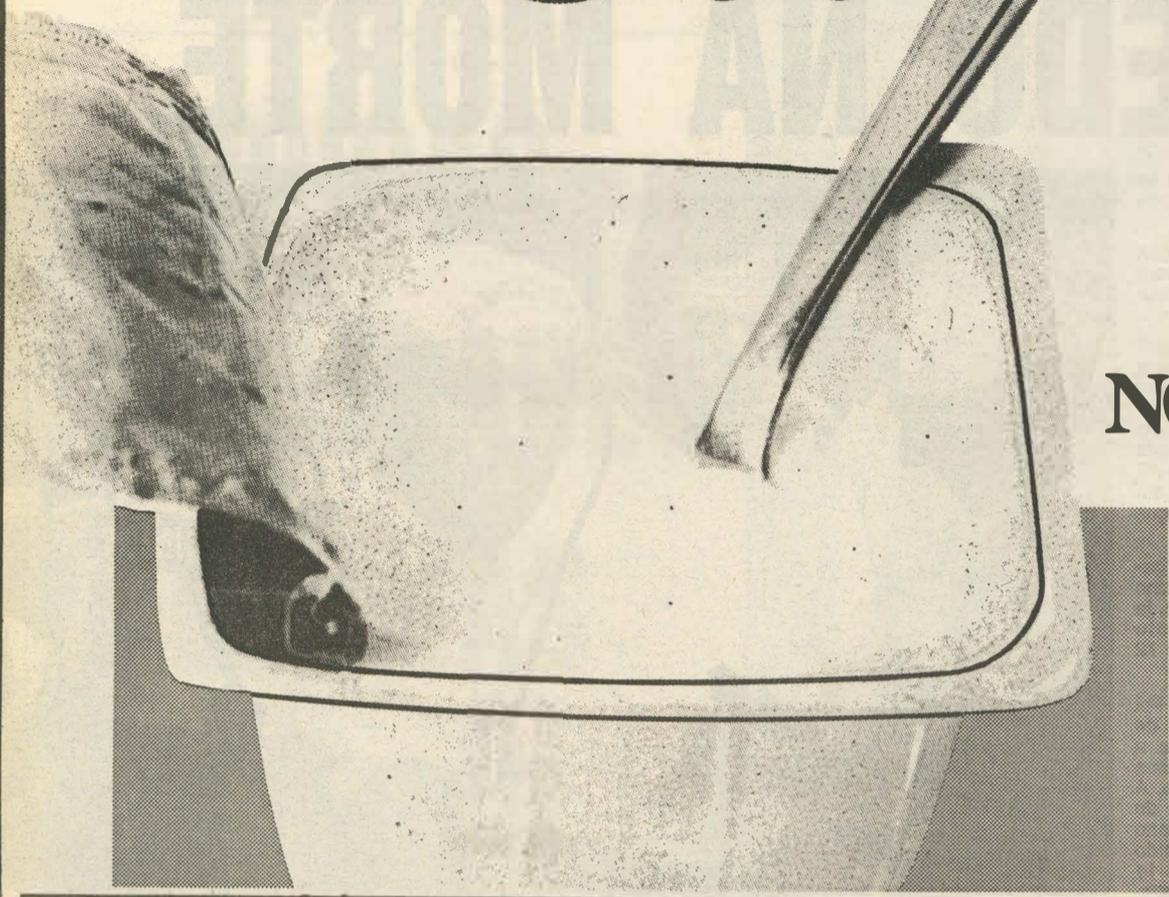
O Benfica ganharia por 3-2 mas mais do que a vitória, o muito público presente no Estádio da Luz saudou com especial carinho o «monstro sagrado» do futebol que agora nos «encarnados» é um dos elementos da equipa técnica do futebol juvenil.



Coluna, o «monstro» do futebol do Benfica, um grande capitão

# Bom Dia

iogurte



**BOM  
NO SEU DIA-A-DIA**

**PARA COMER E GOSTAR!  
E GOSTAR!**



## MICROMOTOR L<sup>DA</sup>

Assistência e Serviço Autorizado

**Vendas**

**Peças ★ Viaturas**

**REPARAÇÕES**

**MECÂNICA – Especializada e apoiada**

Com o mais moderno equipamento de DIAGNÓSTICO.

**BATE-CHAPA – Altamente qualificada**

Com o mais moderno Banco de ensaios.

**PINTURA – De alta qualidade**

Com estufa e máquina de cores.

*Atendimento personalizado*

*...Somos Profissionais*



AV. PARIS, 3-B ★ ☎ 88 01 64/5 – LISBOA

1971

Artur Jorge

PONTAPÉ DE MOINHO  
DÁ TÍTULO DO GOLO

NA época de 1970/71 Artur Jorge alcançou o título de melhor marcador, envergando na altura a camisola do Benfica, depois de ter iniciado a sua carreira no FC Porto continuando na Académica, para de igual forma prosseguir nos estudos.

É a sua época de glória, em que o famoso «pontapé de moinho» em que era exímio faz raziá nas defensivas contrárias. Nascido no Porto, em 13 de Fevereiro de 1946, Artur Jorge está então maduro como futebolista, à beira de concluir a sua licenciatura em Letras e ainda entrando a passos largos na selecção nacional, onde joga por 16 vezes.

No entanto, mais preocupado com a sua formação intelectual, acaba por não se definir completamente como futebolista excelente, dotado de extraordinária visão de jogo e grande capacidade de execução, sobretudo no jogo aéreo.

Gradualmente vai arrefecendo a sua participação na equipa. O Benfica dispensa-o e Artur Jorge coloca ponto final na carreira de jogador envergando a camisola do Belenenses.

As ambições de Artur Jorge Braga de Melo Teixeira passam então a ser outras. Na República Democrática Alemã tira um curso de futebol e, regressado a Portugal, fica como muitos outros companheiros, no desemprego, aguardando colocação.

Mário Wilson, então seleccionador nacional, convida-o para orientar a equipa B em jogo com a Áustria, efectuado e Évora. É

uma experiência que depois é interrompida pelo convite feito por José Maria Pedroto para acompanhar aquele técnico na orientação do V. Guimarães.

Artur Jorge lança-se então definitivamente na sua carreira de técnico e fá-lo com êxito completo, ainda que de início pareça algo titubeante nos passos a dar. Passa pelo Belenenses e Portimonense, até que, com a doença de Pedroto e a saída das Antas de António Morais, Jorge Nuno Pinto da Costa aposta decididamente nele para único responsável pelo futebol dos «drações».

Conquista dois campeonatos nacionais, ganha a Taça dos Clubes Campeões Europeus e conhece a consagração, com o convite para treinar o Matra Racing de Paris, onde se encontra.

Esta derradeira experiência diz com clareza que Artur Jorge é um dos mais capazes técnicos europeus e mesmo mundiais, pois pegando numa equipa de fim da tabela, sem grandes vedetas, enferma de vícios, consegue colocá-la a jogar bom futebol, de tal forma que ocupa o segundo lugar na classificação do campeonato gaulês e promete ser a sensação da segunda volta da prova.



Estilista de fino recorte, Artur Jorge tornou-se famoso pelo seu pontapé de moinho

1972

António Livramento

EMIGRANTE DE LUXO  
NO HÓQUEI ITALIANO

QUANDO em 1972 António Livramento representava, como principal «vedeta», a equipa italiana do Hockey Club de Monza, pela segunda temporada consecutiva, estaria por certo longe de prever que na sua transferência do Benfica para Itália se iniciava um verdadeiro êxodo dos nossos melhores jogadores da modalidade para aquele país, nos anos que se seguiram.

Mas, a verdade é que o estilo fogaoso do jogador, as suas capacidades de finta, autêntico «jongleur» sobre patins, capaz de correr de tabela a tabela com a bola colada ao «stick» e fintando, sucessivamente os adversários, abria lugar a uma escola e dinamizava o interesse dos transalpinos pela modalidade, com os reflexos que são conhecidos.

António José Parreira do Livramento, natural de S. Maços, Évora, onde nasceu em 28 de Fevereiro de 1943, designado justamente por Pelé do Hóquei em Patins, até por ter sido o melhor hoquista de todos os tempos, detém um palmarés de que apenas António Ramalheite consegue aproximar-se: vestiu por 230 vezes a camisola das quinas, efectuando cerca de 1700 jogos oficiais. As suas 230 internacionalizações constituem mesmo um recorde mundial. Tem um total de golos calculado por ele próprio que deverá rondar os 3500, dos quais cerca de meio milhar com a camisola das quinas.

António Livramento iniciou-se na prática da modalidade apenas com 10 anos e aos 16 já era campeão europeu de juniores. Foi campeão nacional sete vezes, cinco das quais com o Benfica e duas com o Spor-

ting, venceu uma Taça de Portugal, foi sete vezes campeão da Europa e três vezes campeão do Mundo (1962, 1968 e 1974). Integrou, para além disso, equipas que conquistaram outros troféus internacionais, como o Torneio Oliveras de La Riva, a Taça Latina, os Jogos Luso-Brasileiros.

Em 1981 alcança um êxito importante mas já na qualidade de treinador: a vitória na Taça dos Vencedores das Taças, no comando do Sporting, equipa que treina actualmente.

Na sua carreira de hoquista iniciou-se no Benfica, clube que representou até 1970. Em 1970 e até 72 representa o Hockey Club de Monza, Itália, para nos dois anos seguintes alinhar de novo pelo Benfica. Em 1974 e 75 ingressa na equipa representativa do Banco Pinto e Sotto Mayor, a que se encontrava vinculado como trabalhador.

Em 1976 volta a Itália, ao Lodi, para efectuar uma época regressando no ano seguinte para jogar pelo Sporting e de novo voltando ao Lodi em 1978. De 1979 em diante representa o Sporting, pondo ponto final na carreira de jogador em 1981 mas seguindo a de técnico e confiando nos ensinamentos que lhe haviam sido ministrados pelo mestre Torcato Ferreira.



A festa no hóquei acontecia com Livramento e nem toda a equipa adversária era capaz de o parar em momentos de maior inspiração

# Fireflame De Luxe

A OPÇÃO CÓMODA E ECONÓMICA PARA A SUA LAREIRA

Regulação	CONSUMOS			POTÊNCIA UTIL		
	Consumo de gás	Custo do gás	Horas funcionamento por kg de gás	Equivalente a um aquecedor eléctrico de	Kcal h	Custo se o aquecimento fosse eléctrico, 14500 kw/hora
MAXIMO	435 g h	28552 hora	2,3	3,9 kw	3354	5460 hora
MINIMO	75 g h	4591 hora	13,3	0,676 kw	581	9550 hora

COM A SUA **Fireflame De Luxe**, DECORATIVA EFICIENTE, usufruirá com toda a segurança, do mesmo prazer e conforto de uma LAREIRA TRADICIONAL.

Para isso poderá:

- Colocá-la numa lareira existente e ligar a saída dos gases da combustão à chaminé (a alimentação do gás será feita por um tubo de pequeno diâmetro).
- Se não possui lareira, bastará colocar, previamente, uma simples conduta na parede onde deseje instalar a sua **Fireflame De Luxe**, resultando um conjunto harmonioso em pouco espaço.
- **Fireflame De Luxe** é uma potente e controlável lareira gás, com 4 temperaturas à sua escolha.
- Para ligar a sua **Fireflame De Luxe**, bastará rodar, simplesmente, o botão de acendimento automático e assim deixará de ter problemas com a lenha, limpeza de chaminés, fumo dentro de casa e muitos outros.



INSTALAÇÃO RÁPIDA E FÁCIL

Informe-se junto da rede de agentes



Shell butagaz

IMPORTADOR  
DISTRIBUIDOR

**MAQUILUX**

Máquinas e Equipamentos Domésticos, SA

RUA JOSÉ MAGRO • LOTE 1  
SERVIÇOS:  
ADMINISTRATIVOS 63 31 31 2 3  
COMERCIAIS 64 63 63  
TÉCNICOS 64 63 66  
TELEX 13 020 MARK — TELEG. MAQUILUX  
1300 LISBOA

## PRODUTOS DE HIGIENE, CONSERVAÇÃO E LIMPEZA

- Para o Lar
- Hotéis
- Hospitais
- Cantinas
- Restaurantes
- Fábricas



CHARNECA DE CAPARICA

O NOSSO OBJECTIVO É A QUALIDADE

1973

**Eusébio Ferreira****«PANTERA NEGRA»****FECHA LIVRO DE OURO**

NA década de 60 nasceu uma estrela no panorama futebolístico nacional que mudaria, em termos nacionais e internacionais toda a expansão da modalidade. Integrada na equipa benfiquista, essa figura tornar-se-ia no símbolo lusitano e conquistaria o lugar de melhor da Europa e segundo melhor do mundo, atrás do brasileiro Pelé. Naturalmente que falamos da «Pantera Negra», Eusébio da Silva Ferreira, o melhor futebolista português de sempre.

Em 1973, uma dúzia de anos depois de ter iniciado a sua carreira no futebol nacional, sempre com a camisola dos «encamados» da Luz, Eusébio não pendurava em definitivo as chuteiras mas conseguia um contrato para o estrangeiro (México) e dizia adeus ao Benfica, clube que com a sua figura conquistou a vassalagem da Europa e do mundo futebolístico.

Apelidado de «abono de família» dos companheiros, fosse na selecção nacional, que representou por 64 vezes, estreando-se em 8 de Outubro de 1961, frente ao Luxemburgo, num encontro em que perdemos escandalosamente por 4-2 mas em que marcou o nosso primeiro golo, fosse no Benfica, Eusébio conheceu a glória de um triunfo na Taça dos Clubes Campeões Europeus, assinando inesquecível actuação frente ao poderoso Real Madrid, na final de Amesterdão, onde marcou dois dos cinco golos da equipa.

Disputou ainda mais três finais europeias, onde viu escapar a vitória, em 1963 frente ao Milan, em 65 frente ao Internazionale e, em 68, ante o Manchester United.

As duas últimas aconteceram praticamente na casa dos adversários (Milão e Londres).

Foi ainda o melhor marcador do Campeonato do Mundo de Futebol de 1966, assinando 13 golos e realizando exibições prodigiosas, como aquela frente à Coreia, em que marcou 4 tentos, virando o resultado negativo de 3-0 para um espectacular 5-3.

Eusébio da Silva Ferreira nasceu em Lourenço Marques em 25 de Janeiro de 1942.

A nível nacional a sua carreira compreende ainda sete títulos como o melhor marcador, o último dos quais aconteceu precisamente em 1973. Cinco foram seguidos, de 63-64 a 67-68, e o sexto aconteceu em 69-70.

Os seus triunfos em 67/68 e 72-73 valeram-lhe ainda a conquista da Bota de Ouro, como melhor marcador europeu. Para além disso, foi considerado pelo semanário francês «France Football» como o melhor jogador da Europa em 1965, sendo o segundo em 1962 e 1966.

Apesar de graves lesões que sofreu nos joelhos nunca Eusébio voltou a cara à luta e algumas das suas exibições e sobretudo os seus espectaculares golos ficarão para sempre retidos na memória daqueles que tiveram a sorte de o ver jogar.



Aí está no seu inconfundível estilo Eusébio a rematar para o golo. Os adversários são muitos mas nada podem fazer

1974

**António Ramalhete****MAIS DE DUAS CENTENAS****DE INTERNACIONALIZAÇÕES**

QUANDO em 1974 António Ramalhete se sagrou pela primeira vez campeão Mundial de hóquei patinado estava por certo longe de imaginar que a sua carreira numa das mais populares modalidades que se praticam no nosso País ainda iria conhecer um grande período de longevidade e que ele seria o único jogador português a conquistar todos os títulos que havia em competição.

Defendendo as balizas do Benfica primeiro e do Sporting, depois, António Ramalhete é um dos mais internacionais desportistas portugueses, tendo envergado a camisola da selecção nacional por 220 vezes nos 27 anos de carreira em que praticou hóquei patinado.

Actualmente com 41 anos, António Ramalhete abandonou a modalidade aos 39. Era um dos guardiões balzaqueanos em actividade no nosso País, a par de nomes grandes no futebol, como Vítor Damas e Manuel Bento.

«Parece impossível mas ainda joguei com hoquistas como o José Lisboa no início da década de 60», afirmava ele ao nosso jornal, no momento da despedida. E realmente muito cedo começou a carreira deste extraordinário praticante de uma modalidade que procurará em Barcelona, dentro de quatro anos, a entrada nos Jogos Olímpicos.

Na verdade, aos 14 anos já Ramalhete jogava nas redes do Benfica.

Seguiu-se a calma subida na escala de valores, e naturalmente que pelas suas qualidades se foi impondo e somando êxitos nas competições em que participou.

Já referimos que por 220 vezes envergou a camisola da equipa nacional. Para além dos muitos campeonatos nacionais e Taças de Portugal ganhas, no «palmarés» de Ramalhete figuram todos os títulos de competições internacionais possíveis de ganhar, como o Mundial, em 1974 e 1986, quatro campeonatos da Europa, 11 campeonatos nacionais, 7 Taças de Portugal, uma Taça dos Vencedores das Taças, uma Taça dos Campeões Europeus, uma Taça CERS e ainda uma Taça dos Jogos Mundiais.

No entanto, há que referir que Ramalhete, um atleta que sempre foi querido das massas associativas do Benfica e do Sporting, mesmo depois de trocar a Luz por Alvalade, não enriqueceu com o hóquei, porque, segundo afirmaria ao nosso jornal, «a modalidade só deu o salto qualitativo em termos económicos em 1977».

Por isso nunca pensou no hóquei como modo de vida, nem mesmo quando decidiu arrumar os patins e se predisps a uma vida recatada. Isso não significa que o bichinho não roa lá dentro, mas António Ramalhete afirmou que durante pelos menos três anos ia descansar e dedicar-se a família. Dois já se escoaram. Talvez esteja para breve o regresso.



Ramalhete foi um dos casos de longevidade ao serviço do hóquei tendo alinhado com três gerações de praticantes

# SERVILIMPE

LIMPEZAS TÉCNICAS MECANIZADAS LDA



Troféu  
Tradição e Prestígio  
"Portugal 86"



17 anos de uma verdadeira  
empresa de serviços

PRESTIGIE-SE  
ESCOLHENDO  
UMA FIRMA  
DE PRESTÍGIO

APOIADA POR:

- preparação técnica profissional
- fabricação de produtos
- importação directa de máquinas

QUE LHE OFERECE:

- melhor preço
- melhor serviço

QUE POSSIBILITA:

- menos custos

## SERVILIMPE

LIMPEZAS TÉCNICAS MECANIZADAS, LDA.

RUA MAJOR NEUTEL ABREU, 12 — 1500 LISBOA  
Telex 62395 SLIMPA P

☎ ★ 78 90 61 (PPCA 6 linhas)

DELEGAÇÃO EM COIMBRA:

RUA PADRE ESTÉVÃO CABRAL, 79. Sala 103  
(Edif. Fernão de Magalhães)  
Telef. 3 58 93 — 3000 COIMBRA

MELHOR QUALIDADE  
LIMPEZAS DIÁRIAS EM:

Bancos, Escritórios, Fábricas, Hospitais, etc.

NOS PROBLEMAS DA VIDA ACTUAL...

## STRESS \* FADIGA FÍSICA E MENTAL COLESTEROL \* ENVELHECIMENTO PRECOCE LECIFORT

APROVADO PELA  
D. G. DE CUIDADOS DE SAÚDE PRIMÁRIOS  
DO  
MINISTÉRIO DA SAÚDE



### SUPLEMENTO DIETÉTICO

Lecitina de soja natural enriquecida  
com vitaminas E e do complexo B

- SEM CONTRA-INDICAÇÕES  
E EFEITOS COLATERAIS
- SEM ÁLCOOL E SEM AÇÚCAR

Porquê LECIFORT?

#### LECIFORT

estimula o crescimento e a nutrição celular,  
pelo seu equilibrado valor em fosfolípidos  
e em vitaminas E e do complexo B

#### LECIFORT

exerce uma importante acção nas funções  
nervosas, particularmente a nível do foro  
cerebral, pelo seu alto teor de fósforo total  
(1,8%)

#### LECIFORT

regulariza o metabolismo lipídico alterado,  
reduzindo a taxa hemética de colesterol,  
triglicéridos e ácidos gordos



INDÚSTRIA FARMACÉUTICA DESDE 1915

VENDA EXCLUSIVA EM FARMÁCIAS E CENTROS DIETÉTICOS

# RALLY PARIS-DAKAR



O NOSSO LUGAR NA COMPETIÇÃO  
É A ASSISTÊNCIA!

MESMO NA MAIS DURA PROVA

...Passa pela

## CATERPNEUS

QUINTA VELHA-BEIROLAS-MOSCAVIDE  
1885 LISBOA - TELEX 17182 CATERP P  
☎ 251 28 56-251 30 45-252 13 48-252 13 98

LARGO DO ANDALUZ, 15, A/C  
1000 LISBOA ☎ 57 74 05/80

AV. LUÍSA TODI, 123-2900 SETÚBAL  
☎ 25001/2

C. MARTIN DE LOS HEROS, 63  
28008 MADRID  
☎ 249 78 74

1975

**Humberto Coelho****ESTRANGEIRO É AMBIÇÃO  
PARA «PATRÃO» DE DEFESAS**

**F**IGURA, a par de Eusébio, como um dos segundos mais internacionais futebolistas de todos os tempos em Portugal (o primeiro é Nenê). Humberto Coelho, defesa central do Benfica, actualmente a desempenhar as funções de treinador (ainda que no desemprego, pelo que exerce a actividade de comentador televisivo para as cadeias de emigrantes) foi um dos grandes ídolos do futebol português.

Foi precisamente em 1976 que conheceu a consagração da sua carreira, ao ser convidado para representar os franceses do Paris Saint-Germain, clube da Cidade Luz, ao qual permaneceria ligado por duas épocas.

É então o corolário de uma carreira iniciada em Ramalde, no clube local, e que teve no Benfica o trampolim para mais altos voos.

Como júnior, Humberto, senhor de excelente porte atlético, grande capacidade técnica e visão de jogo, autoritário no sector defensivo, acaba por se impor de tal forma que ao ascender aos seniores, no Benfica, se vê de imediato integrado na formação principal, jogando ombro a ombro com alguns monstros do nosso futebol, como Eusébio e Coluna, por exemplo.

É com eles que cimeta a sua natural formação de futebolista. Deles aprende os conhecimentos de como estar em campo e conquista a liderança de um sector defensivo onde passa por ser pedra indispensável.

Humberto Manuel de Jesus Coelho, nascido em 20 de Abril de 1950, entra pois na equipa princi-

pal em 1968 e singra com a naturalidade dos fora-de-série. Não admira, por isso, que em 1975 ingresse no Paris Saint-Germain, não só pela sua inegável valia, como ainda porque o seu valor em termos económicos se torna proibitivo então para o Benfica que o vê partir com mágoa.

Humberto, no entanto, depois de se afirmar como o patrão da equipa durante a primeira época acaba por não conseguir um bom ambiente para continuar o seu trabalho, ao envolver-se num diferendo com o presidente do clube francês e vê-se obrigado a regressar a Portugal a ao Benfica depois de se terem malgrado negociações com clubes brasileiros com destaque para o Internacional de Porto Alegre.

A carreira prossegue, por isso, sem agitações, segura, até ser interrompida por uma grave lesão num joelho contraída ao serviço da selecção nacional. Humberto tudo fez para regressar à competição, durante largo tempo submetido a tratamentos duros e intensos, mas as suas tentativas não resultaram e decide-se pelo abandono como atleta, passando a desempenhar as funções de treinador, estreando-se no Salgueiros, com êxito, nestas suas novas funções.



Garra, força, classe, autoridade, atributos de Humberto Coelho, um dos mais do futebol nacional

1976

**Fernando Chalana****ESTILO DE VAGABUNDO  
EM PEQUENO GENIAL**

**O** seu estilo vagabundo, a sua finta preciosa (que pé esquerdo fabuloso!), a sua visão de jogo, a sua velocidade de execução tornaram-no um dos mais cotados futebolistas portugueses. Fernando Albino de Sousa Chalana, natural do Lavradio, onde nasceu em 10 de Fevereiro de 1959, teve o seu lançamento para o galarim do futebol precisamente em 1966. A consagração aconteceria em 17 de Novembro, tornando-se, então o jogador mais novo a estrear-se com a camisola das quinas, em encontro frente à dura Dinamarca, que Portugal ganhou por 1-0.

Com uma carreira iniciada no Bareirense, muito cedo despontaram as suas qualidades de fino executante. Daí a cobiça natural dos grandes, vencendo o Benfica a corrida pelo seu concurso. E Chalana ingressou nos «encarnados» como júnior, para logo dar nas vistas em época de estreia. Precisamente em 1976, ainda com a idade de júnior, John Mortimore, o inglês que os «encarnados» vão buscar para render Mário Wilson, decide apostar no jovem, tentando alterar uma equipa em crise. A verdade é que Chalana se revela como a arma secreta dos benfiquistas e cabe-lhe resolver com a sua técnica uma série de problemas da equipa.

Não admira, por isso, que José Maria Pedroto, então seleccionador nacional, decidisse utilizar o esquerdino da Luz no confronto com os fortes dinamarqueses, tornando-o o mais jovem internacional português, até ser batido por Paulo Futre, já na década de 80. Chalana cumpriu a missão e pas-

sou desde logo a ser considerado como indispensável na equipa de todos nós, só falhando quando as lesões o apoquentavam.

No clube, o jogador conheceria também muitos êxitos. Cinco vezes foi campeão nacional (76,77, 81, 83 e 84), teve duas vitórias na Taça (81 e 83) e por 26 vezes envergou a camisola das quinas. Marca pela equipa nacional 2 golos, frente a Chipre.

A nível de clubes alcança a final da Taça UEFA na época de 1982-83.

Em 1984 conhece o salto internacional. Depois da presença na fase final do Campeonato da Europa de França desperta a cobiça do Girondinos de Bordéus, clube com quem firma um contrato válido por três épocas. São poucos os jogos que realiza no Girondinos, pois uma grave série de lesões, agravada pelo isolamento e ainda pela incompreensão dos gauleses, acaba por comprometer uma carreira que estava na plenitude.

Chalana regressou este início de temporada ao Estádio da Luz. Por enquanto a forma ainda não chegou e a utilização tem sido escassa, mas talvez seja ainda possível rever o pequeno génio em actuação.



Chalana foi um dos mais jovens internacionais portugueses e revelou-se como o pequeno génio do nosso futebol

# 1977 Fernando Gomes



Com a camisola do FC Porto ou da selecção, Fernando Gomes revelou-se um extraordinário homem golo

## PONTARIA CERTEIRA PARA ÊXITOS EUROPEUS

CONQUISTAR o troféu do melhor goleador de Portugal, numa altura em que figuravam nas equipas nacionais nomes como Manuel Fernandes, Nenê, Jordão, e apenas com 21 anos, foi a proeza de Fernando Gomes, o avançado portista que é o actual capitão da equipa campeã da Europa. É Gomes que abriu nessa temporada as portas da fama, arrancando para uma carreira de goleador que se revelaria praticamente imparável e apenas suplantada em termos de êxitos pelo forad-série Eusébio.

Homem de grande área, futebolista dotado de excelente capacidade técnica e grande poder de elevação, lutador esclarecido, capaz de apoiar a luta a meio campo, Fernando Gomes inicia praticamente nesse ano de 1977 a sua escalada nacional e internacional.

Mas para ali chegar, Fernando Mendes Soares Gomes, natural do Porto, onde nasceu em 22 de Novembro de 1956, teve de se aplicar a fundo somando-se com naturalidade, nos diversos escalões, ainda que desde cedo se lhe augurasse um grande futuro.

Depois de 77 os êxitos vão somando-se com naturalidade. Durante 3 anos consecutivos é o rei dos marcadores, e no início da década de 80 passa a ser mais um emigrante de luxo, jogando pelo Sporting de Gijón, em Espanha. Não foi totalmente feliz nessa sua experiência e dois anos vividos Jorge Nuno Pinto da Costa vai



No seu atê de defender o F. C. Porto, Fernando Gomes, mau jovem, muitas vezes excedia-se junto dos árbitros, arrastando a equipa em seu auxílio

uscá-lo para fazer a grande equipa europeia. Mais experiente, mais refinado, sobretudo com forte traquejo internacional, Gomes conquista mais três títulos de melhor marcador nacional e também dois da Europa, com as correspondentes Botas de Ouro, igualando neste particular Eusébio. Foi nas temporadas de 82-83 e 84-85.

As selecções nacionais empresta com assiduidade a sua colaboração. Pelos AA joga 47 vezes. Participa nas fases finais do Mundial do México e do Europeu de França. Mas a amargura está também na carreira deste atleta já que depois de jogar a final da Taça dos Vencedores das Taças com a Juventus não consegue, devido a uma grave lesão, estar presente na final da Taça dos Campeões Europeus. São, contudo, as suas mãos que erguem a Taça Intercontinental e é ele quem levanta igualmente a Supercopa Europeia, a primeira ganha em Tóquio ao

Paraná e a segunda graças aos triunfos sobre o Ajax de Amsterdão. Do «palmirês» de Fernando Gomes destacam-se os 4 títulos nacionais (77/78, 78/79, 84/85 e 85/86) e duas Taças de Portugal (77 e 84). Fernando Gomes é ainda um dos ídolos do estádio e o seu afastamento no início da época constituiu, pelas repercussões lidas, a prova de que ele é o «menino bonito» dos «Dragões».

# 1978 João Alves



O «livas pretas» era um jogador de fino recato, dando cartas no campo de futebol em questões de disciplina

## MÉMO DE LAVAS PRETAS ENCHE TODO CAMPO

DEPOIS de ter saído pela porta pequena do Estádio da Luz, onde as oportunidades escassearam, e de ter passado por equipas de segundo plano, João Alves ficou-se no Boavista, onde, sob o comando de José Maria Pedroto, conheceu duas épocas de glória, saídas em duas conquistas consecutivas da Taça de Portugal. No final deles rumou até Espanha, para actuar no Salamanca e seria considerado o melhor futebolista estrangeiro na altura, em acção no país vizinho.

Certo de que estava ali uma das pedras essenciais para a construção de uma equipa com ambições, o Benfica, que o mandara embora, entrou na corrida pelo seu concurso e em 1976 João Alves estava de novo no seu clube de sempre, disposto, como então afirmaria, a dar a justificação àqueles que o tinham feito regressar agora pela porta grande.

Baixo de estatura mas com futebol em todo o corpo, senhor de uma presença em campo de invulgar capacidade técnica e tática, João Antonio Ferreira Resende Alves demonstraria rapidamente que a sua forma de estar dentro das quatro linhas era preciosa não só para a equipa como para a selecção nacional. Natural de Albergaria-a-Velha, onde nasceu em 5 de Dezembro de 1952, era jogador de fino estilo, a quem as lvas pretas, homenagem prestada a seu avô, Carlos Alves, um dos jogadores internacionais do país, davam um toque de diferença. João Alves estreou-se como jogador na S. Joãoense na época de 1969-70, e ainda com idade de júnior veio para o Benfica, onde ascendeu a sénior e ao serviço de quem ainda realizara algumas partidas no seu primeiro ano neste escalão, até que, desgostoso com a forma como era tratado optou por se transferir para o Montijo, passando depois pelo Varzim e Boavista, onde a sua qualidade acabaria por o projectar, como já vimos, para Espanha.



Regressar à porta grande, como era seu sonho, foi o que aconteceu com João Alves em 1978

Conquistas de Portugal, duas pelo 1975 e 1976) e uma pelo Benfica. Vestiu a camisola da selecção nacional estreando em 13 de Novembro de 1974, frente à Suécia, jogo que Portugal perdeu por não ter sido substituído por Chico Faria.

Depois de uma carreira rica como jogador passou a treinador de futebol, iniciando a sua actividade no Boavista e colocando a equipa na Europa. Actualmente exerce aquelas funções no Leixões, liderando o Nacional da II Divisão, Zona Norte.

# 1979 José Maria Pedroto



José Maria Pedroto foi o mestre dos mestres como técnico de futebol

## MESTRE DO FUTEBOL SOMA ÚLTIMO TÍTULO

QUANDO em 1979 José Maria Pedroto alcançava, pela segunda vez consecutiva o título de campeão nacional para o seu FC Porto iniciava uma década de ouro para o seu clube de sempre, década essa em que os principais êxitos não chegaria a ver, uma vez que a morte o surpreendeu em 7 de Janeiro de 1985, depois de um longo sofrimento.

Mas aquele título, o último de impacto conquistado pelo popular e controverso «Zé do Boné» constituía o corolário de uma carreira e escola que mais tarde deu frutos preciosos. Inteligente, matreiro, polémico a abordar os assuntos, José Maria Pedroto, natural de Almacega, concelho de Lamego, nasceu em 21 de Outubro de 1928. Fixou-se no Porto apenas com 7 anos e tomou sua a Cidade Invicta. Como futebolista e devido às suas extraordinárias qualidades de ex-ecutante, deu nas vistas ao serviço do Leixões, Lusitano de Vila Real de Santo António, Belenenses e, aos 22 anos, ingressa no FC Porto. Ao serviço dos «azuis e brancos» está até 1959, ganhando os dois títulos nacionais de 56 e 58 e ainda duas Taças de Portugal, Internacional 17 vezes, capitaneou a selecção 5 vezes e ao seu serviço somou 5 vitórias.

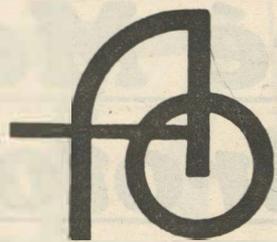
A carreira de treinador era o marco lógico para quem vivia futebol. E Pedroto começou a sua escalada pela Académica de Coimbra, Leixões e Varzim, até voltar ao Porto, onde se manteve de 66/67 a 68/69. Saiu pela porta pequena, depois de perder o título a três jornadas do fim, porque se desentendeu com os jogadores e com o presidente Pinto de Magalhães, mas prometeu voltar

em grande. No entanto, antes passaria pelo V. Setúbal, dando enorme incremento à equipa do Otávio Exército, onde esteve quatro épocas, para de seguida rumar ao Boavista, com quem conquista duas Taças.

Volta ao Porto em 78/77. O trabalho de grande equipa europeia começava então a ser paulatinamente feito. Dois títulos consecutivos depois de um primeiro ano de formação são a amostragem desse trabalho, interrompido pelas dissidências entre Pinto da Costa, então chefe do departamento de futebol, e Américo Sá, presidente. E o verão quente de 79, Pedroto fez mais uma vez as Antas com a equipa dividida. Volta a prometer o regresso em grande, o que acontece depois de uma passagem pelo V. Guimarães, na época de 82/83. Mas, na sequência, a doença começa a miná-lo e a sua presença torna-se esporádica. O popular «Zé do Boné» já não está presente na final que os «dragões» jogam com a Juventus para a Taça das Taças. Cada vez mais lica distante da equipa, apenas à espera da morte. Artur Jorge, entretanto, seu pupilo, ascende ao comando da equipa e mantém viva a obra do grande mestre.

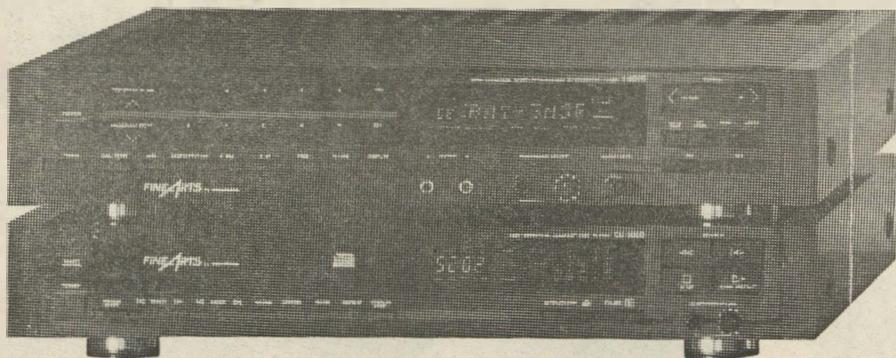


Toda uma vida dedicada ao futebol, como jogador e depois técnico, tornaram Pedroto num «exper» da modalidade



# A. OLIVEIRA

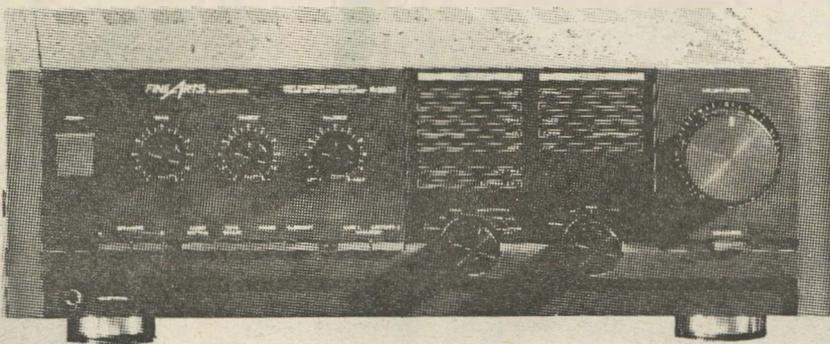
## ELECTRODOMÉSTICOS



### GRUNDIG

HI-FI

COM **DAT** — DIGITAL ÁUDIO TAPE  
INSUPERÁVEL PUREZA DE SOM



PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO

Av. Almirante Reis, 91-A • 1100 LISBOA  
Telefones: 82 19 38 - 82 25 87 - 82 26 23



**R. ANDRADE**  
SOFTWAREHOUSE

DEPARTAMENTO DE INVESTIGAÇÃO — Informa que serão lançados BREVE-  
MENTE no mercado os seguintes programas (c):

- INTERPRETADOR / TUTOR LINGUAGEM C
- RA TOOLS (UTILITARIO PARA COPIAR.EDITAR.ETC...)
- FACTURACAO/STOCKS PARA PC/XT/MS-DOS
- P.O.C. (PLANO OFICIAL DE CONTABILIDADE) PARA MSX
- TODA A BIBLIOTECA CPM-80 ADAPTADA PARA MSX

DEPARTAMENTO COMERCIAL — Informa que vende, instala, da assisten-  
cia tecnica e apoio de e em software para:

- COMPAQ
  - IBM
  - PHILIPS (COMPATIBLES/MSX)
  - EPSON
  - CITIZEN
  - BREVEMENTE TAMBEM IMPORTADO DIRECTAMENTE A PRECOS REALISTAS.
- A GARANTIA E RESPONSABILIDADE DE SERMOS

**R. ANDRADE**

Av.5 de OUTUBRO.134-R/C.ESQ.  
1000 LISBOA

T. 73 44 19



À CAPITAL  
**R. ANDRADE**  
DESEJA-LHE UM  
FELIZ ANIVERSARIO



### CABELEIRAS

### OFERTA DINABEL

AO COMEMORAR O SEU 16.º ANIVERSÁRIO,  
OFERECE UM ÚTIL BRINDE A TODAS AS CLIE-  
NTES NA COMPRA DE QUALQUER CABELEIRA  
DE CABELO LEGÍTIMO, MEDIANTE A APRESEN-  
TAÇÃO DESTA ANÚNCIO

COMPLETO SORTIDO  
DE PERUCAS E POSTIÇOS PARA SENHORAS E PRÓTESES CAPILA-  
RES PARA HOMENS, EM CABELO NATURAL GARANTIDO  
EXECUTAMOS GRÁTIS PENTEADOS EM TODOS OS GÉNEROS  
E PRESTAMOS ASSISTÊNCIA TÉCNICA PERMANENTE  
COMPARTICIPAÇÃO: A. D. S. E. E CAIXA DE PREVIDÊNCIA



**CASA DINABEL** — RUA MORAIS SOARES, 82, 2.º-F.  
(Metro ARROIOS) — TELEFONE 83 44 34 — 1900 LISBOA

1980

Rui Jordão

# GAZELA ANGOLANA DE REMATE PRONTO

**V**ERDADEIRA figura de estilo no futebol, Rui Manuel Trindade Jordão, natural de Benguela, onde nasceu em 9 de Agosto de 1952, sendo por isso leão de signo, foi igualmente leão nos estádios, onde ainda exerce a sua actividade de artista. Trata-se de uma das pérolas do nosso futebol, um atleta que neste ano de 1980 alcançou pela segunda vez o título de melhor marcador de golos em Portugal, ao serviço do Benfica, na temporada de 1970-71, Rui Jordão gradualmente afirmou-se como um futebolista em condições para ser titular de um conjunto em que ainda militava Eusébio, chegando a alinhar muitas vezes ao lado da «Pantera Negra».

Com a saída de Eusébio tornou-se o marcador de serviço dos encarnados e, em 1975/76 conquista o seu primeiro título de goleador que lhe abre as portas do futebol estrangeiro.

Os espanhóis do Saragoça acabam por abrir os cordões à bolsa e aproveitar uma situação de crise económica vivida pelos benfiquistas, que deixam sair o jogador, uma vez terminada a lei de opção. Jordão não consegue, contudo, impor-se de forma categórica na dureza do futebol do país vizinho e, por isso, em 1977-78, depois de um processo conturbado para regresso a Portugal em que o Benfica e Sporting entram na corrida pelo seu passe, acaba por escolher Alvalade como destino e é ao serviço dos

leões que melhores actuações rubrica.

Em 1980 alcança a consagração máxima, ao tornar-se pela segunda vez o rei dos marcadores, numa época em que conquista ainda o primeiro título para a sua equipa. Aliás, em termos de campeonatos, Jordão ganhou seis, quatro com a camisola do Benfica (1972, 73, 75 e 76) e dois pelo Sporting (80 e 82). Conquista ainda duas Taças de Portugal (72 com o Benfica e 82 com os «leões») e veste por 40 vezes a camisola da selecção nacional. A sua estreia ao serviço da equipa das quinas acontece em 29 de Março de 1972, apenas com 19 anos, em Lisboa, em jogo contra Chipre que Portugal venceu por 4-0 cabendo-lhe apontar um dos tentos.

Jordão está ainda em actividade ou se se quiser regressou este ano à actividade, depois de uma longa travessia do deserto, em que saiu de Alvalade pela porta pequena, na sequência de problemas que ficaram por esclarecer com a direcção do clube. O seu valor, reconhecido por Big Mal, o técnico dos sadinos, que com ele foi campeão nacional, não foi posto em causa e a gazela de Benguela não deixará o futebol sem que se ouça ainda falar muito de si.



Jordão e o seu último título nacional, em 1980

1981

António Oliveira

# EXPERIÊNCIA DÁ FRUTOS A TREINADOR-JOGADOR

**N**O verão quente para os portistas de 1979 António Oliveira abandonava o FC Porto para ingressar no Bétis de Sevilha. Desiludido com a direcção do portista, aquele que tinha sido o capitão da equipa e era considerado como o melhor jogador de conjunto «alinhou» ao lado de Pedroto na contestação a Américo de Sá e acabaria por ter de ser negociado com os espanhóis do Bétis. Uma carreira efémera, aquela que realizou em Espanha, pois cedo decidiu regressar a Portugal por não conseguir adaptar-se.

Para espanto de todos ingressou no Penafiel na época de 1980/81. Assume as funções de jogador-treinador e dá uma completa reviravolta ao clube, tornando-o uma das sensações da prova e conduzindo-o a uma boa décima posição, apesar da escassez de meios de que dispunha.

Executante de grande estilo, excelente leitor do jogo, Oliveira nessa temporada revela a sua faceta de treinador competente, embora contestado por muitos sectores que o consideram um «enfant terrible».

Essa experiência foi extremamente importante no futuro do jogador que na época seguinte transita para o Sporting, onde concluiria a sua actividade como futebolista profissional em 1985-86.

De António Oliveira ficava ainda a nova experiência como treinador-jogador, quando se viu obrigado a pegar na equipa leonina como único responsável na sequência da dispensa de Malcolm Allison como técnico. Ai o êxito

não foi tão grande, mas coube-lhe ser o responsável pela única presença do Sporting nos quartos de final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, acabando por ser afastado da competição em jogo frente à Real Sociedad.

António Luís Alves Ribeiro de Oliveira nasceu em Penafiel, em 10 de Junho de 1952, sendo do signo Gémeos. Estreou-se como futebolista no FC Porto, em 1968-69 e conheceu 3 vezes a conquista do título nacional, duas pelos portistas, em 1977/78 e 78/79, com José Maria Pedroto como técnico, e uma pelo Sporting, em 81/82. Conquistou ainda duas taças de Portugal (1977 e 1982) e representou a selecção nacional A por 24 vezes, tendo efectuado a sua estreia em 13 de Novembro de 1974, com 22 anos, em jogo com a Suíça em Berna, em que saímos derrotados por 3-0.

Actualmente e depois de ter prestado a sua colaboração à equipa técnica da Federação Portuguesa de Futebol, quer com Rui Seabra quer com Juca, está no comando do V. Guimarães, depois de substituir o brasileiro René Simões, que começara mal a temporada. Os resultados tardam a aparecer, mas o Vitória revela-se este ano uma equipa inesperadamente difícil.



Oliveira, em 1981, assumia pela primeira vez as funções de treinador-jogador, fazendo com que o Penafiel beneficiasse do seu génio de futebolista

# ...O PRAZER, O SABOR, O SABER...

E DELTA sabe, como ninguém, criar o sabor do seu café. Somos um dos maiores importadores de café, preparando-o completamente, desde a torrefação, loteamento, embalagem e distribuição. Cobrimos totalmente o mercado nacional, com uma frota de 98 unidades. Crescemos no espaço e no tempo, indo de encontro ao seu prazer. Um prazer de verdade! Um sabor de verdade! Um café de verdade! Que Você bem conhece! Conheça-nos também tão bem!



**A VERDADE DO CAFÉ**



MEQUOX

**150 ANOS**



UMA MARCA DE REPUTAÇÃO NO CAMPO DA HORTICULTURA

**José Afonso Duarte**  
LIMITADA

Rua de S. Nicolau, 24 • Tel. 86 67 54 - 86 34 26  
Rua de S. Mamede, ao Caldas, 29 • LISBOA

**SEMENTES JAD OESTE.**

Telef. 061-98755/6  
Sobreiro Curvo  
TORRES VEDRAS

**SEMENTES JAD ALGARVE**

Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65  
Telef. 089-25375 — FARO

AGENTE EM LEIRIA   
Loja 24 — CENTRO COMERCIAL MARINGÁ  
Telef. 044-33766



**UTILIZE  
A NOSSA  
EXPERIÊNCIA**

# ANTENAS PARABÓLICAS

TELEVISÃO VIA SATÉLITE



**Sinal**

VISITE O NOSSO SALÃO DE EXPOSIÇÃO  
RUA CASIMIRO FREIRE, 13-A/B  
1900 LISBOA  
TELS. 892945 - 884650

1982

## Rosa Mota

RAINHA DA MARATONA  
NASCE EM ATENAS

**E**LA é a menina bonita do atletismo nacional. Rainha na prova rainha, bicampeã da Europa, campeã do mundo, medalha de bronze nas Olimpíadas de Los Angeles, a maratona é com ela. Franzina de corpo, Rosa Mota, a menina da Foz, meio palmo de gente, um mundo cheio de genica, está no atletismo com uma forma muito própria de ser.

Para ela, mais do que os prémios, que são naturalmente importantes, está a competição nos momentos que considera serem importantes para a sua carreira. Correr por gosto não cansa Rosa.

Daí que a vejam surgir em provas populares com o mesmo à-vontade com que participa nas grandes competições internacionais e também com a mesma humildade.

Em 1982 Rosa Mota abriu o livro do êxito. Aconteceu no Europeu e o palco não poderia ter sido melhor escolhido: a cidade olímpica, Atenas.

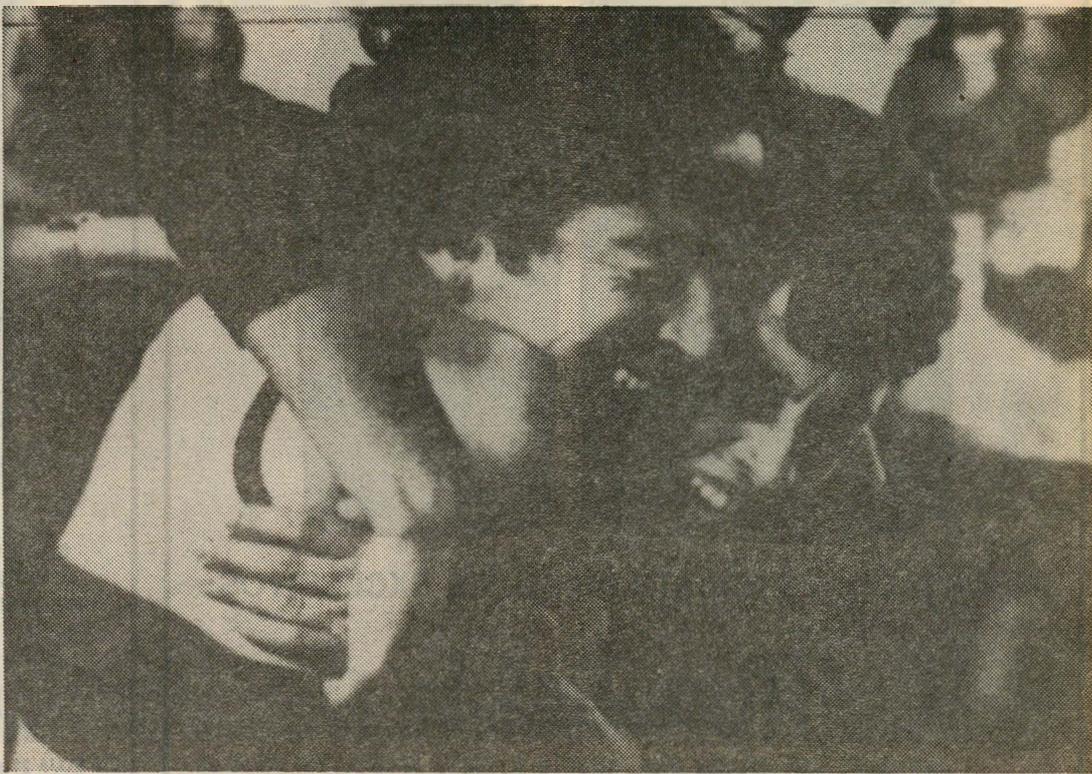
Quando, na maratona, e já em pleno estádio a Rosinha entrou isolada, correndo para o triunfo, os olhos ficaram esbugalhados de espanto. Como era isso possível? Mas efectivamente era verdade. Rosa Mota, depois de uma preparação muito criteriosa, conseguiu bater a concorrência mais directa e realizar a marca de 2 horas, 36 minutos e 3 segundos. Não terá sido um tempo famoso, mas augurava grande futuro.

Futuro esse que viria a confirmar-se com naturalidade na campeã da S. Silvestre de São Paulo, prova que venceu consecutivamente de 1981 a 1986! Em 1983 ganhava a Maratona de Chicago,

com 2.31.12, e na Maratona de Los Angeles conseguia a medalha de bronze, com 2.26.57, vencendo de novo em Chicago nesse ano (2.26.01). Em 1986 vencia a maratona de Tóquio, com 2.27.15. Nesse mesmo ano, em Estugarda, alcançara já novo título europeu, com o tempo de 2.28.38, e o ano passado, nos mundiais, bate todas as adversárias, alcançando a marca de 2.25.17 com uma facilidade surpreendente.

Em ano de Jogos Olímpicos é óbvio que a esperança em torno da menina da Foz está intacta. Os portugueses acreditam que a «sua Rosinha» pode alcançar um feito ainda mais destacado do que aquele que obteve em Los Angeles.

Rosa Maria Correia dos Santos Mota, nascida na Foz (Porto) em 29 de Junho de 1958, com 1,57 de alto e apenas 45 quilos, foi em 1982 atleta do ano em «A Capital». Depois de um início de carreira que a levou do Clube da Foz ao F. C. Porto, percebeu que não tinha feito para suportar a alta competição num clube grande, como era o dos «dragões», e também porque ninguém acreditava nela decidiu avançar sozinha na modalidade. Encontrou no técnico José Pedrosa um precioso apoio e a sua carreira de êxitos fala bem por si. A menina da Foz é sem sombra para dúvidas a rainha da maratona.



Em Atenas a emoção do abraço da vitória. Nascia a rainha da maratona

1983

## Fernando Mamede

ANO CHEIO PREPARA  
RECORDE MUNDIAL

**E**LE é o recordista mundial dos 10 mil metros. A marca foi alcançada em 1984, na cidade de Estocolmo, num dos *meetings* de preparação para as Olimpíadas de Los Angeles. Com essa marca Fernando Mamede coroava, praticamente após um ano de preparação, de segurança na subida de valor, uma carreira que em 1983 tinha igualmente presença muito valiosa.

Fernando Mamede, no entanto, nunca conseguiu ser figura que se impusesse de forma definitiva no atletismo mundial, em termos de grandes êxitos.

Era um fundista de humores. Roda, hoje, para a maratona sem a segurança de um Lopes. Aliás, a comparação inevitável entre ambos acabaria por se tornar prejudicial, pois os feitos são completamente distintos.

Mas a verdade é que a carreira do «leão», sempre muito acarinhada pelo prof. Moniz Pereira, teria momentos muito altos no início da década, antecortados, aqui e além, por quebras de humor que lhe determinavam abandonos inesperados.

Tomou-se famosa a sua «dor de burro» que o levava a desistir quando se apostava nas suas capacidades.

Fernando Eugénio Pacheco Mamede é natural de Beja, onde nasceu em 1 de Novembro de 1951. No futebol iniciou a sua carreira de desportista, mas cedo se passou para o atletismo, para em 1969 ser já recordista dos mil metros. Depois, sempre a subir na escala de valores, foi ampliando a sua experiência e

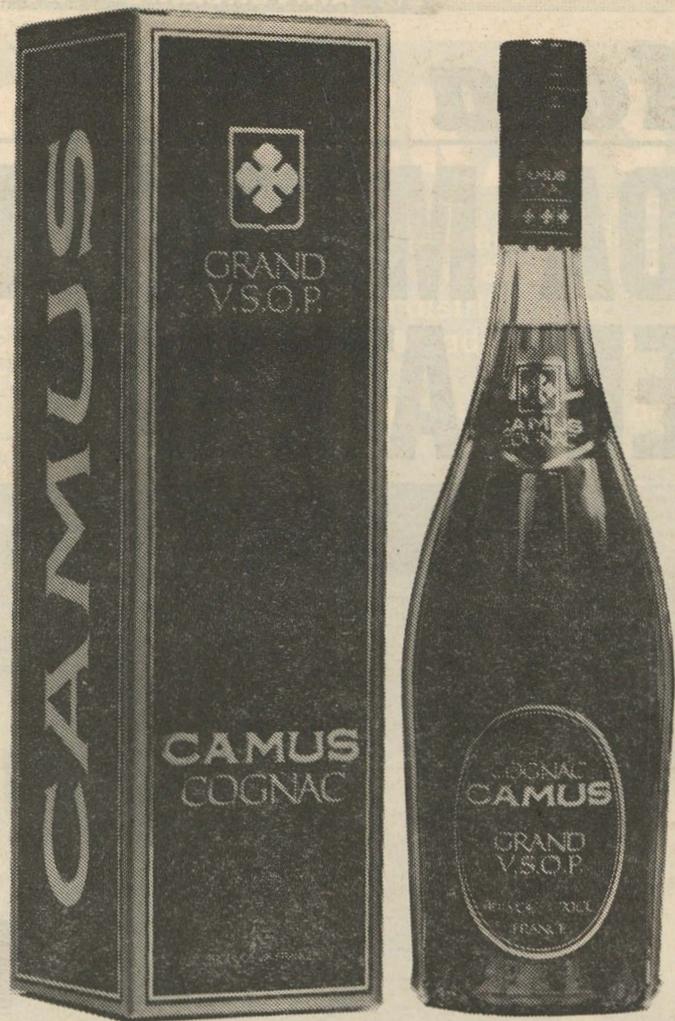
também as distâncias. Em 1983 alcança um conjunto de resultados de tal forma positivos que se augura a queda do recorde, marca por que, aliás, luta. É vencedor da Taça dos Campeões Europeus e ganha também o crosse das Amendoeiras. Triunfa nos 5000 metros de Udine, nos 10 mil metros de Lausana, é terceiro em Oslo e conclui em 14.º no Mundial de Helsínquia, o primeiro da história do atletismo.

Consegue ainda vencer a légua no *meeting* de Zurique, repetindo o êxito em Rieti (Itália) e Tóquio, onde alcança a marca de 13.08.68.

Com esta rodagem não admirou, pois, que no ano seguinte conseguisse o recorde mundial que ainda mantém para a dupla légua, com 27.13.81. Só que, de humores, Mamede falha nas Olimpíadas e a sua posterior carreira acaba por se resentir dessa situação. Agora, com o peso dos anos a fazer-se sentir ainda mais, Fernando Mamede tenta conseguir a presença nas Olimpíadas de Seul, depois de não ter conseguido estar presente em Moscovo, por boicote e por ter falhado em Los Angeles, na dupla légua.



Fernando Mamede conseguiria em 1983 um conjunto de êxitos que abriria as portas para o recorde mundial da dupla légua, obtido em Estocolmo no ano seguinte



IMPORTADORES E DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS:

**A. RODILES, L.**

Rua da Escola Politécnica, 15-17 — 1200 LISBOA  
Telefones 32 72 92-36 10 74



**GRAVURAS:** Originais francesas, inglesas e suíças  
**AGUARELAS:** Aniceto, Espinaux e José Bello  
**SERIGRAFIAS:** Botelho, Bravo da Mata, Cargaleiro, Carlos Dages, Cutileiro, David Almeida, Gentil, Horta Costa, Yeco, Maluda, Martha Telles, Molina, Thomaz Mello (Tom).

**Fazem-se molduras em todos os estilos**

LOJA 21 e LOJA 24 — Centro Comercial SOPAL — Rua Ivens, 58 — Telef. 32 22 56 — 1200 LISBOA  
LOJA 10 — Complexo Comercial Pingo Doce de Linda-a-Velha — Av. 25 de Abril — Telef. 419 96 55 — 2795 LINDA-A-VELHA

**Electrolis**  
COM. ELECTRODOMESTICOS, LDA.

**FERGUSON**

TELEVISÃO  
VIDEO  
AUDIO

**laGERMANIA**

FOGÕES ELECTRICOS, A GAS E MISTOS  
PLACAS DE ENCASTRAR  
FORNOS DE ENCASTRAR  
C/ SISTEMA MULTI-FUNÇÕES

**W White Westinghouse**

FRIGORÍFICOS  
MÁQUINAS DE LAVAR

**MONDIAL**  
*frigor*

ARCAS CONGELADORAS — FRIGORÍFICOS  
VITRINAS P/ LACTICÍNIOS E GELADOS  
ARREFECEDORES GARRAFAS

**MONDIAL**  
FOGÕES

FOGÕES ELÉCTRICOS, A GAS E MISTOS

SEDE LEIRIA

R. João de Deus, 5. 1. — 2400 LEIRIA  
Telefones: 334 01 334 17 — Telex ELIND P e 132 239 ELISP  
Telefax: 32 139

DELEGAÇÃO LISBOA

Rua dos Correios, 14. 4. — 1100 LISBOA  
Telef. 32 13 81 / 2 — Telex 16 817

DELEGAÇÃO NORTE

Rua Nova do Seixo, 271 — 4450 SENHORA DA HORA  
Telefones: 951 97 00 - 952 02 28  
Telex 28 877 ELISPO P

1984

# Tamagnini Nené

## REI DOS INTERNACIONAIS

### COM CALÇÕES LIMPOS

NA lista dos futebolistas que mais vezes envergaram a camisola das quinas um nome figura à cabeça que certamente poderá causar muitas surpresas. Trata-se do ex-futebolista do Benfica, Tamagnini Nené, um dianteiro de características muito especiais, mas com uma carreira brilhante ao serviço do clube da Luz e um palmarés invejável, talvez dos mais ricos de quantos praticaram e praticam futebol em Portugal.

Uma característica tinha este executante finíssimo de rara oportunidade e grande sentido de golo. O seu empenho na luta não era muitas vezes reconhecido, porque Nené (e a acusação é do Terceiro Anel, já reconhecido pelo próprio) não sujava os calções. Daí que quando as coisas corresse para o torto se escutassem alguns «mimos» verbais que lhe eram dirigidos das bancadas.

No entanto, pelo facto de não sujar os calções, Nené nem por isso deixava de suar e bem a camisola benfiquista, o seu clube de sempre em Portugal e de dar o melhor do seu esforço, talvez até por se reservar nas jogadas de choque com os defesas ele acabasse por ser muito mais útil à equipa, uma vez que nunca foi jogador atreito a lesões e a sua rentabilidade tornava-se assim praticamente de cem por cento.

Em 1984, na campanha efectuada por Portugal no Campeonato da Europa, faz a sua despedida em termos de selecção nacional, não sem deixar de apontar o seu golito da ordem frente à Roménia, tento esse que nos colo-

cou mas meias finais, frente à França.

Foi assim o corolário de uma carreira, como referimos, de grande luxo.

Senão registre-se: Tamagnini Manuel Gomes Baptista Nené nasceu em Leça da Palmeira, em 20 de Novembro de 1949, sob o signo do Escorpião. Iniciando a sua actividade de futebolista no Ferroviário de Namanga, em Moçambique, ingressou no Benfica em 1966/67 e manteve-se em actividade praticamente durante 20 anos.

Foi campeão nacional 10 vezes: 1969, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 81, 83, 84.

Conheceu 7 vitórias na Taça de Portugal: 72, 80, 81, 83, 85 e 86 e foi ainda o rei dos marcadores na época de 81 sendo segundo classificado em 76, 77, 79, 80, 83 e 84.

Estreou-se na selecção nacional em 21 de Abril de 1971, com 22 anos, em jogo efectuado em Lisboa, com a Escócia, que Portugal venceria por 2-0, sendo substituído a 4 minutos do fim pelo malogrado jogador portista Fernando Neves Pavão.

Actualmente exerce as funções de técnico de futebol dos juniores do Benfica, clube por que nutre um especial carinho.



Nené foi o goleador dos calções limpos é o nosso mais internacional futebolista, com 66 representações na equipa A

1985

# Carlos Manuel

## HERÓI DE ESTUGARDA

### ENTRA NA LENDA

ESTUGARDA. No estádio da cidade Portugal defronta a Alemanha Federal num encontro considerado como decisivo para a nossa qualificação do Mundial-86. O sonho de José Torres tarda em concretizar-se. De repente, Carlos Manuel pega na bola, arranca direito às redes de Schumacher, primeiro no flanco esquerdo, depois flectindo para dentro. Vai ganhando posição e o disparo surge, poderoso, em arco, indefensável para o número 1 germânico. A bola cola-se ao fundo das malhas e é o golo da vitória dos portugueses que dessa forma asseguram a presença no México.

Aquele golo de Carlos Manuel marca o ponto mais alto da carreira do médio ala benfiquista, a qual começara no Grupo Desportivo da CUF, com passagem depois pelo Barreirense, onde o «homem dos pés de ferro», como era conhecido pela sua profissão de mecânico ferroviário, lhe criava problemas de preparação.

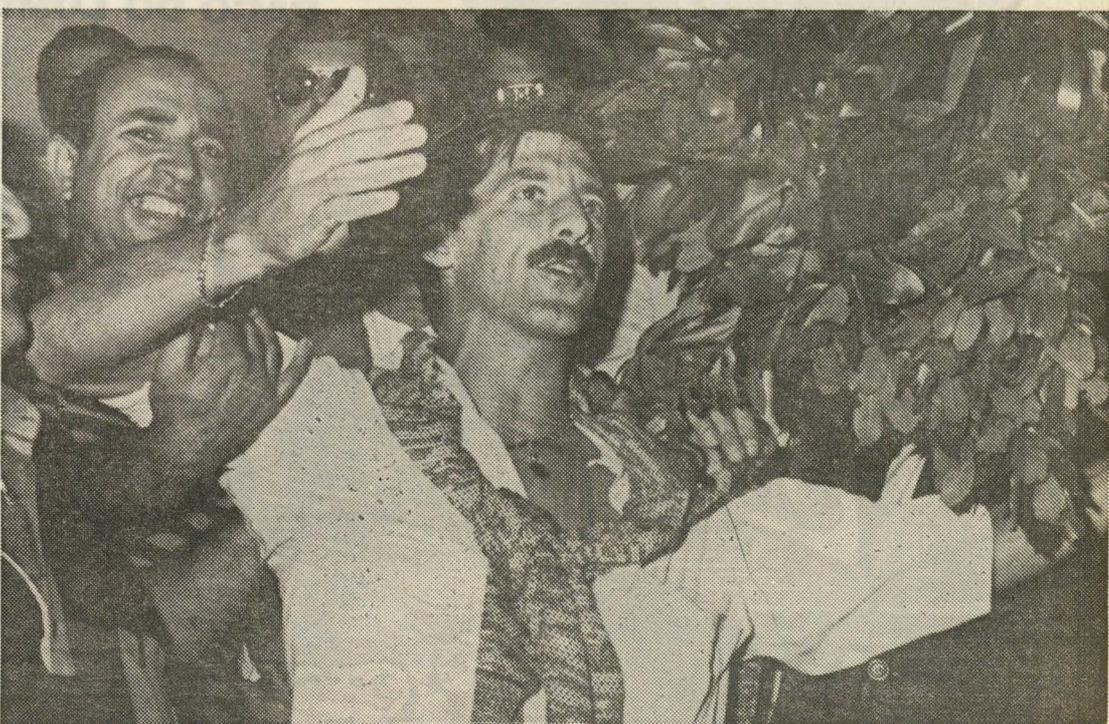
Carlos Manuel concretizava naquele momento uma fase importante da sua vida ligada ao futebol, em que se lançara em definitivo com o seu ingresso no Benfica e que lhe valeria quatro títulos de campeão (80-81, 82-83, 83-84 e 86-87) e seis vitórias na Taça de Portugal (1980, 81, 83, 85, 86 e 87).

Por 42 vezes envergou a camisola da selecção nacional e foi precisamente ligado à representação das quinas que a sua capacidade de líder e o seu espírito mais aberto aos fenómenos sociais se revelaria em todos os seus contornos. É ele que real-

mente assume em grande parte a liderança do processo de Saltillo e que revela indisponibilidade para as seleções enquanto Silva Resende estiver à frente da direcção da Federação de Futebol.

Carlos Manuel Correia dos Santos, natural da Moita, contando 30 anos (15-1-58), solteiro, é o herói de Estugarda nesse ano de 1985, mas a partir de então torna-se um elemento demasiado incómodo pela verticalidade das suas posições para com aqueles que são responsáveis pelo futebol nacional.

Talvez por isso e também porque esgotara já de certa forma o bom ambiente que detinha no Benfica, opta por uma mudança de ares, aproveitando convite do modesto Sion da Suíça, para se transferir a meio da época. O futebolista vagabundo, das corridas fogosas, da luta constante em campo, dos pontapés poderosos, muitas vezes a dar belos golos, sente que lhe é desfavorável todo o ambiente nacional que o rodeia e ao trocar a camisola dos benfiquistas pela do Sion dá um passo mais numa carreira rica, que agora fica mais completa com a experiência internacional. E quem pode pôr em causa o valor de um jogador que de imediato é considerado como o patrão em nova equipa?



Carlos Manuel teve louros à chegada de Estugarda, depois de ter marcado o golo que nos levou ao Mundial do México

CONCRETIZE UM PENSAMENTO...  
...SEM PESAR NO ORÇAMENTO!!!

# AINDA MAIS VANTAGENS!

INOVAÇÕES E NOVAS OPORTUNIDADES  
ATRAVÉS DO SISTEMA **MULTIGRUP**



**MULTIGRUP** - PROMOÇÃO E GESTÃO DE CONSÓRCIOS, LDA.  
PRAÇA JOSÉ FONTANA, 17 - 5.º - 1000 LISBOA  
TELEFS. 56 34 21 - 56 34 22

**MULTIGRUP** - PROMOÇÃO E GESTÃO DE CONSÓRCIOS, LDA.  
SOLICITO MAIS INFORMAÇÕES SEM QUALQUER COMPROMISSO

NOME \_\_\_\_\_  
MORADA \_\_\_\_\_  
C. P. \_\_\_\_\_  
TEL. CASA \_\_\_\_\_  
EMPREGO \_\_\_\_\_

# ibérico

HIPERMERCADO  
PAÇO DO LUMIAR

FEIRA DO QUEIJO  
E DOS  
ENCHIDOS  
DE  
13 A 29 FEV.



1986

# Marco Chagas

## RECORDE DE VITÓRIAS NA VOLTA A PORTUGAL

ÍDOLO das estradas, ás do pedal, ciclista que na modalidade se impôs muito cedo, Marco Chagas tem sido uma das figuras em destaque na modalidade nos últimos anos e quando em 1986 alcança o seu quarto êxito «a valer» na Volta a Portugal, torna-se o recordista de triunfos, suplantando mesmo nomes como os de Joaquim Agostinho ou Alves Barbosa.

Chagas é o exemplo do desportista que encontrou uma modalidade onde conseguiu impor-se como dos melhores e que gradualmente se foi afirmando como o melhor. Pode dizer-se que a bicicleta para ele não tem segredos e a modalidade também não. É mesmo o exemplo do ciclista completo, bom a subir, bom a descer, bom ao «sprint», bom no contra-relógio.

Fora da bicicleta comenta a modalidade com conhecimentos que o tornam um dos melhores analistas das provas que a televisão vai mostrando. É vê-lo dizer como tudo vai correndo em termos de mundiais, de Volta a França, de provas de craveira internacional e sempre explicando o porquê das diversas situações. É que Marco Chagas sabe muito bem o que é estar numa fuga, o que é correr no meio do pelotão, como é que se salta para uma fuga com possibilidades de êxito.

Em 1979, Marco António Chagas, natural de Pontével, onde nasceu há 31 anos, venceu a sua primeira volta, num êxito que acabaria por não valer por ter acusado substâncias dopantes na urina. Desiludido, até porque aquele

triunfo com a camisola do Lousa era o coroar de uma carreira que começara no Sporting, apenas com 18 anos e logo com uma presença positiva na Volta à Bulgária, o ciclista, que entretanto tinha passado pelo Costa do Sol e Águias de Alpiarça, continua a sua luta para singrar na modalidade. Corre em França, ao lado de Agostinho, mas as saudades de casa são grandes e com uma grande experiência, regressa para representar o F. C. Porto de Emídio Pinto.

Em 1982 ganha a Volta a Portugal vestido de azul e branco e, no ano seguinte, alinhado pela Mako Jeans, consegue novo êxito. Mas, no ano seguinte repete-se a história do «doping» quando alinha no Sporting. É uma fase triste da carreira e fala de abandono, para no ano seguinte voltar a ganhar a prova-rainha da velopedica portuguesa e em 1986 alcançar o recorde de triunfos naquela prova.

O ano passado mais uma vez o «doping» volta a manchar-lhe a carreira e Marco Chagas, desgostoso, fala no abandono definitivo. Só que o apelo das duas rodas é mais forte e acaba por ingressar no Louletano Vale do Lobo, onde se prepara para ser pentacampeão este ano.



Marco Chagas é o actual recordista de vitórias na Volta a Portugal, tendo suplantado Agostinho e Alves Barbosa

1987

# Paulo Futre

## VEDETA DA EUROPA AOS VINTE E UM ANOS

CONSTITUI-SE na transferência mais cara do futebol português para o estrangeiro, apenas aos 21 anos e quando a carreira está ainda no princípio. Paulo Futre, o menino do Montijo que aos 18 anos trocou Alvalade, onde despontara para a modalidade, pelo Estádio das Antas, naquela que foi considerada como a grande falha de gestão leonina, afirmar-se-ia como um dos melhores futebolistas portugueses de sempre e ainda como dos melhores do mundo, de tal forma que ostenta o título de vice-rei da Europa para a imprensa internacional depois da escolha feita pelo semanário gaulês «France Football».

Vê-lo no estádio em jogo ou mesmo em treino é ter a possibilidade de assistir ao virtuosismo da técnica aplicado ao futebol, à subtilidade da finta, ao passe preciso, a velocidade no arranque, à leitura clara do futebol.

Paulo Futre levou precisamente três épocas, o tempo que esteve ao serviço do clube das Antas, para «explodir» internacionalmente. Enquanto lá esteve, ajudou os «dragões» a subirem com segurança na hierarquia internacional europeia assinando na final da Taça dos Clubes Campeões Europeus, em Maio do ano passado, exibição de gala, pautada por uma constante presença nos movimentos mais perigosos do ataque portista.

De tal forma Paulo Futre se tornou a figura do ano que o seu nome virou manchete em prati-

camente a totalidade da imprensa italiana, aquela que movimentou milhões e que igualmente chama atenção para a cobiça dos clubes que investem muito no futebol.

Lançado na alta roda do futebol europeu, como futebolista cabeça de cartaz do futebol do Atlético de Madrid, Paulo Jorge dos Santos Futre, natural do Montijo onde nasceu a 28 de Fevereiro de 1966, é, à beira de completar os 22 anos, o futebolista de maior cotação internacional em termos lusos.

Não admira, por isso, que ele constitua um excelente investimento para o Atlético de Madrid, clube que se dispôs a abrir os cordões à bolsa para encontrar uma vedeta que enchesse o Vicente Calderon e as actuações do português, pela sua regularidade e mesmo pela craveira elevada em alguns momentos são suficientemente claras para se ter a certeza de que estamos perante um jogador que ainda vai ter uma carreira suficientemente longa para ascender mais na pirâmide futebolística, apesar de estar já bem perto do topo. Paulo Futre é, inegavelmente, em termos desportivos, a grande figura do ano de 1987.



Aos 21 anos Paulo Futre é já vedeta do futebol europeu e mundial, considerado em 1987 o número dois da Europa

# Aqui e Agora.

## ASSOCIAMO-NOS AO 20.º ANIVERSÁRIO DE «A CAPITAL»

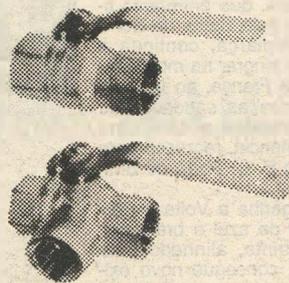
SAUDAMOS TODOS AQUELES QUE  
AO LONGO DO TEMPO TORNAM  
POSSÍVEL DAR A ESTE JORNAL  
A POSIÇÃO DE LIDERANÇA NA IM-  
PRENSA VESPERTINA PORTUGUESA

# Aqui e Agora.

Você necessita encontrar agora este produto que a sua indústria precisa para evitar interrupções no processo de fabricação e deseja encontrá-lo aqui perto, com a garantia do fabri-

cante e o correspondente garante técnico. IMPORVÁLVULA, LDA. com a sua rede de vendas oferece, Aqui e Agora, este serviço.

**ENTREGA IMEDIATA**



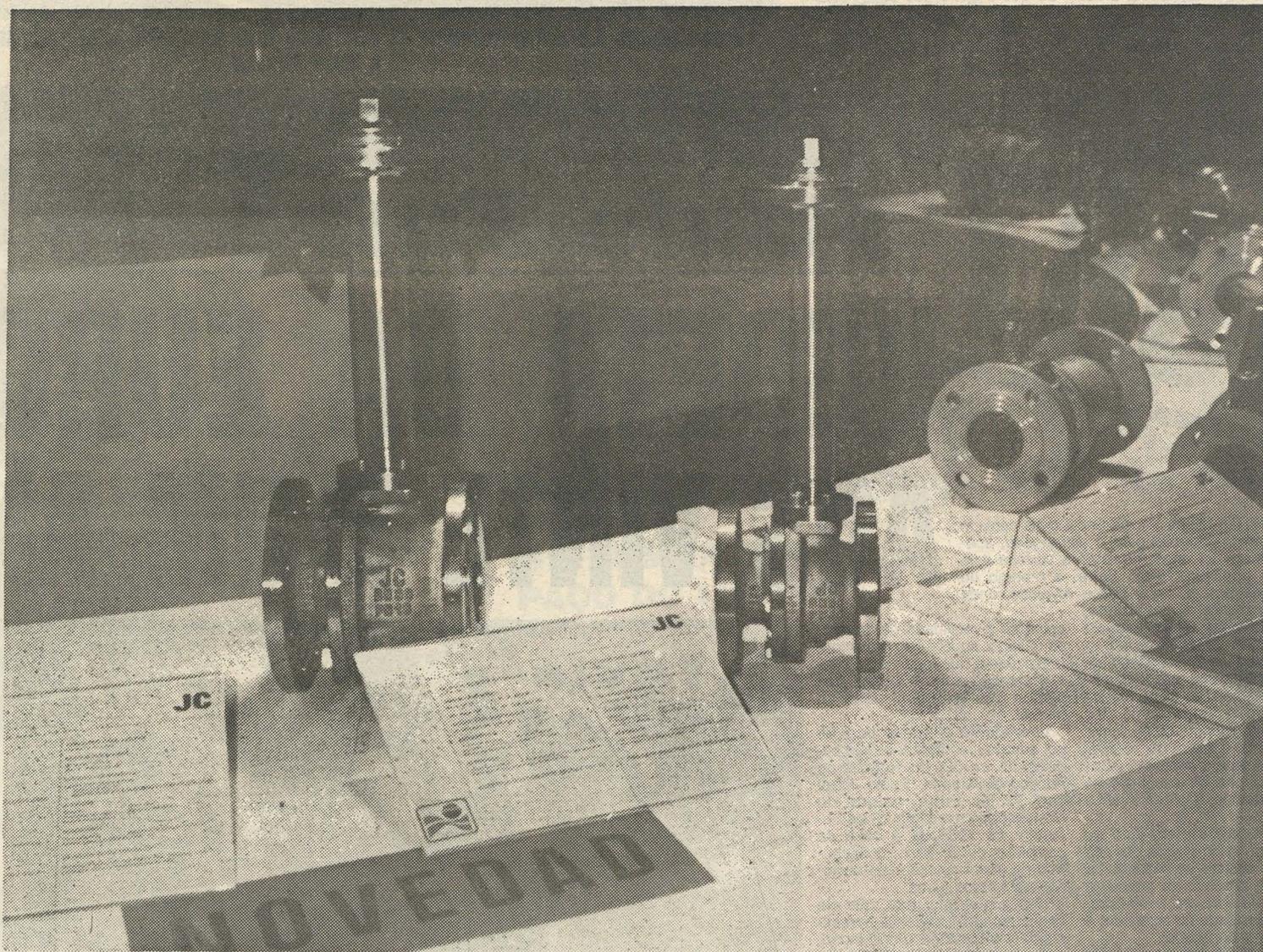
### VÁLVULA DE BOLA S-2000 DE 2 E 3 VIAS

Diâmetro nominal : Desde DN-1/4" até DN-2 1/2"  
Rating 2 vias : PN-42 até DN-1/4"  
Rating 3 vias : PN-20 até DN 2 1/2"  
Extremos : Roscados gas e NPT.  
Construídas em : Latão com vedantes de PTFE e Buna N.  
Comando por : Avalança ou actuador pneumático.



## imporválvula Lda.

Sociedade Iberica de Válvulas e Acessórios, Lda.  
Largo de Santos, 14 B-E. 1200 Lisboa. Telef. 67 87 67 - 67 81 31.  
Tx. 14572 VALVES P. FAX: 67 81 67.



VÁLVULAS DE BOLA PARA TEMPERATURAS CRIOGÉNICAS,  
UMA NOVIDADE APRESENTADA NA EXPOQUÍMIA 87

VÁLVULAS E ACESSÓRIOS DE TODOS OS TIPOS • PROJECTOS COMPLETOS

ANTES DE PLANEAR A SUA INSTALAÇÃO CONSULTE O DEPARTAMENTO TÉCNICO DE

 **imporválvula**

SOCIEDADE IBÉRICA DE VÁLVULAS E ACESSÓRIOS, L.ª  
Largo de Santos, 14 B-E — 1200 LISBOA • Telef. 67 78 67 - 67 61 31  
Tx. 14 572 VALVES P. FAX 67 81 67